



GT 09. Antropologia das Mobilidades

Coordenador(es):

André Dumans Guedes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Candice Vidal e Souza (PUC MINAS - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Sessão 1

Debatedor/a: John Cunha Comerford (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Cristina Patriota de Moura (UNB - Universidade de Brasília)

Este grupo de trabalho pretende abrigar e pôr em relação pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. É nossa pretensão dialogar com trabalhos que abordem as formas, significados, experiências, narrativas e práticas de mobilidade em contextos os mais diversos: nas grandes metrópoles ou nas roças, nas matas ou águas, em aldeias ou instituições modernas, nas estradas e caminhos conectando ou localizando-se “entre” lugares como esses. Buscaremos assim aproximar trabalhos oriundos de distintos subcampos da antropologia: a etnologia indígena; a antropologia urbana ou feita nas cidades; os estudos do campesinato e dos povos e comunidades tradicionais; a antropologia da economia, da política, do estado ou da ciência. Inspirados por certas abordagens pioneiras surgidas nos estudos sobre o campesinato brasileiro, iremos privilegiar investigações onde a análise dessas múltiplas formas e modalidades de movimento esteja orientada pelas reflexões, linguagens e formas expressivas de que se servem aqueles (ou aquilo) que se encontra em movimento. Sugerimos igualmente que os trabalhos apresentados contemplem questões referentes à articulação das mobilidades com a organização de coletivos, identidades e institucionalidades; às desigualdades nas capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover (ou não se mover) decorrentes de diferenças de classe, gênero, geração, etnia ou filiação religiosa; ou às inovações e problemas metodológicos associados ao estudo das mobilidades.

Os sentidos e a importância dos movimentos andamarquinos

Autoria: Indira Nahomi Viana Caballero (PPGAS-UFG)

A mobilidade é uma característica dos povos andinos, seja por suas atividades laborais diárias, seja por razões cerimoniais, e em Andamarca, pequeno povoado andino ao sul do departamento de Ayacucho (Peru) de população “quechuahablante”, não é diferente. Ainda que muitas vezes a imagem de povos agricultores seja associada à sedentariedade, este work trata de enfatizar a importância e os sentidos positivos da mobilidade para os andamarquinos que deslocam-se diariamente não apenas porque muitos também são pastores ? atividade associada à mobilidade ?, mas porque a própria atividade agrícola tal como é praticada requer certo movimento. Percorrer a paisagem a pé é algo ainda frequente nos dias de hoje, principalmente por conta do work, mas não apenas. É assim que se se aprende a caminhar sobre terrenos inclinados e arenosos, superfícies pedregosas e resvaladiças; desviar habilmente de espinhos; subir e descer de altos muros de pedras; cruzar terrenos alagadiços com peso nas costas; enfim, situações em que se desenvolve diversos sentidos e conhecimentos sobre matérias, superfícies e texturas do ambiente circundante e um corpo apto a percorrer tal paisagem. O próprio modo de pisar o chão já revela esse aprendizado: pisadas rápidas e certeiras, ?sin miedo?, distribuindo bem o peso do corpo por todo o pé se a intenção é não afundar na lama. Deslocar-se na paisagem andamarquina envolve relações de intersubjetividade entre o caminhante e o solo por onde ele transita, entre ele e os animais e as plantas que encontra pelo caminho, além dos não-



humanos poderosos, cuja proteção deve ser invocada se o que se deseja é ter uma viagem exitosa. Os lugares por onde se caminha podem apresentar-se mais ou menos perigos, conforme os andamarquinos tratam de alertar o caminhante inexperiente nas incursões naquele território. Mas há também outra forma de mobilidade que não se realiza a pé: é o fluxo contínuo de pessoas, coisas e animais para os grandes centros urbanos da costa peruana. Na paisagem urbana os deslocamentos, quando possíveis, são muito mais breves e menos intensos. Um dos grandes contrastes apresentados pelos andamarquinos sobre seu modo de ver o campo e a cidade é que nesta última não há a mesma paisagem (que em Andamarca) a ser percorrida, ou melhor, não há como ?salir? para distrair-se quando se está ?aburrido?, nem contemplar e interagir com a natureza. A vida na cidade, onde ?todo es plata?, pode ser ?fea? e ?triste? não só por isso, mas porque enquanto o movimento ? num sentido que ultrapassa a mobilidade espacial ? é um princípio cosmológico estruturante do modo de vida andamarquino cujos efeitos tendem a ser positivos, como tratarei de explicitar neste work; outros princípios que se afastam muito desse tendem a vigorar na cidade.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: